

COMO SE O MUNDO FOSSE UM GRANDE LIVRO

Paula Moura Pinheiro

- ▶ **Sexta-feira ou a Vida Selvagem**, de Michel Tournier
- ▶ **As Aventuras de Huckleberry Finn**, de Mark Twain
- ▶ **As Aventuras de Tom Sawyer**, de Mark Twain
- ▶ **Os Desastres de Sofia**, de Condessa de Ségur
- ▶ **Crônicas de Narnia**, de C.S.Lewis
- ▶ **Os Cinco**, de Enid Blyton
- ▶ **O Colégio das Quatro Torres**, de Enid Blyton

Há quem diga que primeiro gostamos do narrador e só depois da narrativa. Ou seja, primeiro a criança gosta de ouvir a voz da mãe a contar-lhe a história, gosta da concentração que a mãe põe naquele momento só dos dois, e é com o tempo que a criança passa, verdadeiramente, a dar atenção à história que a mãe conta. Mais tarde, quando já tem instalado dentro de si o amor às histórias e já sabe ler, lê – que é a forma de aceder às histórias sem precisar do outro. Esta é uma das receitas mais seguras para produzir um leitor. É um processo lento e exigente, mas o investimento é garantido.

O meu narrador foi o meu avô. Avô paterno. Era um senhor absolutamente insensato, com um humor e uma imaginação prodigiosos e foi o mais maravilhoso companheiro que eu podia ter tido na infância. Sendo a primeira neta, conheci-o já reformado, mergulhado nos seus três maços de cigarros diários, nos seus livros sobre a vida animal e sobre as duas guerras mundiais e sempre pendente das “côboiadas” da televisão a preto e branco.

A verdade é que ele não adequou o seu mundo à minha infância. Simplesmente, os seus interesses e a forma como se lhes entregava eram... infantis. E eu entrei com a maior naturalidade naquela nuvem de tabaco, pejada de aventuras na selva, nas trincheiras e nos grandes horizontes do Oeste americano.

O meu avô nunca teve a mais pequena intenção pedagógica comigo. Éramos companheiros de histórias e de partidas, de anedotas e assaltos aos chocolates que a minha avó escondia numa lata amarela no fundo da dispensa.

Creio que não seria a leitora que sou (compulsiva) se não tivesse passado tanto tempo dos meus primeiros anos de vida com o meu avô Henrique. Ele dava-me o mundo como se fosse um grande livro mágico de onde podiam saltar as mais diversas histórias a todo o momento: boas, más, hilariantes e trágicas. Os relatos sobre o terror hitleriano eram alternados com as capacidades atléticas da chita, as dimensões dos cornos das palancas e as lutas de almofadas que fazia no colégio interno que frequentara.

Os primeiros livros de texto corrido que me lembro de ter lido foram os *westerns* de bolso do meu avô e foi também o meu avô quem me introduziu ao Mark Twain. Depois caí para dentro de *Os Cinco*, da Enid Blyton, e da Condessa de Ségur, claro, que me fazia sofrer com a ideia de que eu estava muitos furos abaixo da lamentável, da desastrada Sofia. Foi só como narradora dos meus filhos, mais de vinte anos depois, que descobri os clássicos de C. S. Lewis e o deslumbrante Michel Tournier de *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem*. O que têm em comum todos estes livros? Contam histórias excitantes de uma forma hipnótica. Comigo pegaram. E com os meus filhos também. ■



Paula Moura Pinheiro é jornalista. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa, começou na imprensa em 1987 e iniciou-se como autora e apresentadora de programas de televisão em 1992. Em 1994 fez o seu primeiro programa de rádio. Colaboradora do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, foi a autora do “Guia de Leitura” do IPLB de 2003. Integra a equipa da direcção do Canal 2 e, semanalmente, conduz, naquela

estação, o programa Câmara Clara, dedicado às Artes e à Cultura